



Ativos

CEREAIS, FIBRAS E OLEAGINOSAS

Ano 9 Edição 18 - Junho de 2016

twitter.com/SistemaCNA
facebook.com/canaldoprodutor
instagram.com/cna_brasil
www.cnabrasil.org.br
www.canaldoprodutor.tv.br

Mosca branca eleva em até 35% o gasto com inseticida na soja

Na safra 2015/2016, além das preocupações com o controle de lagartas e percevejos, os produtores de soja de Mato Grosso e de Goiás enfrentaram também o aumento da incidência de mosca branca (*Bemisia tabaci*). Com isso, cresce o gasto do produtor.

Conforme cálculos realizados pelo projeto Campo Futuro (CNA/Cepea), referentes aos dois estados, o dispêndio com inseticidas na safra 2015/16 deve ser em média 37% maior que na passada – considerando-se a compra dos insumos entre os meses de novembro do ano passado a fevereiro de 2016.

Em Campo Novo do Parecis (MT), o produtor de soja que gastou em média R\$ 385,02/ha com inseticidas na safra passada agora despense R\$ 508,90/ha, aumento de 32%. Em Primavera do Leste (MT), o gasto foi de R\$ 391,78/ha na última safra para R\$ 543,69/ha na atual, aumento de 39%. Na cidade de Sorriso (MT), os gas-

tos médios subiram de R\$ 302,56/ha para R\$377,73/ha, variando 25% de uma safra para a outra.

Embora em Mato Grosso o inseto já tenha sido um problema enfrentado na safra anterior, as principais causas do aumento dos gastos foram a valorização do dólar frente ao real e o aumento da procura por inseticidas, que estavam escassos em algumas revendas. Nas praças de Campo Novo do Parecis, Primavera do Leste e Sorriso (praças de MT), o controle especificamente de mosca branca representou, nesta ordem, 32%, 34% e 42% do gasto com inseticidas.

Na região de Rio Verde (GO) o surto foi ainda maior, provocando aumento de 51% no dispêndio com inseticidas, que passou de R\$ 223,68/ha para R\$ 337,86/ha nesta safra. Do total gasto com inseticidas 34% foi com o controle da mosca branca.

Do ponto de vista econômico no estado de Mato Grosso, nas cidades de Campo Novo

do Parecis, Primavera do Leste e Sorriso, o produtor precisou, em média, de três sacas por hectare para cobrir o aumento dos custos. Isso levando em conta apenas o controle da mosca branca. Na região de Rio Verde (GO), o gasto extra com esse inseto equivalia a duas sacas por hectare. Nesse cenário, os inseticidas se tornaram o segundo item de maior representatividade no custo operacional efetivo (COE), ficando atrás apenas dos gastos com fertilizantes e ultrapassando herbicidas e fungicidas.

A participação dos inseticidas no COE vem aumentando já há alguns anos. Na safra 2012/2013, em Goiás, o inseticida já era a categoria de defensivo com maior peso nos custos. Na safra 2014/2015, o gasto com esses produtos só era menor do que o valor gasto com os fertilizantes. Em Mato Grosso, na safra 2013/2014, com o aparecimento da *Helicoverpa Ermigera*, foi que os inseticidas se tornaram o segundo item de maior gasto na produção de soja.

Custo Operacional Efetivo do trigo sobe 7%, mas compras de insumos estão lentas

O Custo Operacional Efetivo (COE) estimado para o trigo na safra 2015/2016 está 7,2% maior que o calculado para a safra passada, considerando as principais regiões produtoras da região Sul. Diante desses aumentos e de outras incertezas climáticas de mercado, produtores têm adquirido insumos em ritmo mais lento em relação ao ocorrido no ano passado.

As regiões paranaenses de Londrina e Cascavel se destacam com os menores Custos Operacionais Efetivos (COE), contrapondo-se a Chapecó (SC) e a Castro (PR), que se encontram no outro extremo.

No o cálculo dos custos foram considerados os preços dos insumos entre os meses

de abril e maio de cada ano e os coeficientes técnicos da safra 2014/2015 coletados em campo por meio dos Painéis do projeto Campo Futuro (CNA/Cepea), reunião com produtores e técnicos locais para a apuração da estrutura produtiva mais comum em cada região. A produtividade considerada também foi captada em Painel, referindo-se, portanto, à típica de cada região, na temporada 2014/2015. O preço de comercialização do trigo representa a média de março e abril.

Na região de Londrina, o COE na temporada 2015/2016 está estimado em R\$ 1.534,17/ha. Considerando-se a produtividade típica média da região de 49,6 sacas/ha, o produtor precisaria vender o trigo a

um preço mínimo de R\$ 30,93 por saca. Como o preço médio de venda da saca foi de R\$ 40,89, em março e abril deste ano, o produtor teria um lucro operacional de 9,96 reais/saca sobre o COE. Nessa região, analisando-se os componentes do COE individualmente, destacou-se o aumento no desembolso com sementes e inseticidas, em 54,6% e 38% respectivamente.

Em Cascavel (PR), o Custo Operacional Efetivo (COE) se manteve como o segundo mais baixo, totalizando R\$ 1.706,01/ha. Com a produtividade média da região de 50 sacas/ha, os tricultores de Cascavel teriam margem operacional de R\$ 6,80 por saca, já que o preço de venda médio em 2016 foi de R\$ 40,92 a saca. Na região, o

preço de nivelamento com os Custos Operacionais Efetivos (COE) está estimado em R\$ 34,12ª saca. O produtor de Cascavel (PR) se deparou com aumento de 45% dos preços de fungicidas e de 35% do diesel em relação ao ano passado.

Castro (PR) se destacou com o maior desembolso para o pagamento das atividades operacionais da fazenda, totalizando R\$ 2.715,57/ha, para uma produtividade média de 66,5 sacas/ha. Com isso, o preço mínimo para que o produtor cobrisse o COE seria de R\$ 40,84/sc. Como o preço médio no início deste ano esteve em R\$ 46,35/ a saca, o triticulor de Castro pagaria o COE e teria sobra de 5,51 reais por saca. Nessa região, o gasto com inseticidas aumentou 44,6% de uma safra para outra.

Para Chapecó (SC), as estimativas apontam aumento de 5% no Custo Operacional Efetivo (COE). Na marca de R\$ 2.400,88/ha, a região tem o segundo maior COE de trigo do Sul do País. O preço de nivelamento chega a R\$ 43,65 a saca, uma vez que a produtividade típica da região foi de 55 há sacas por hectare na safra 2014/2015.

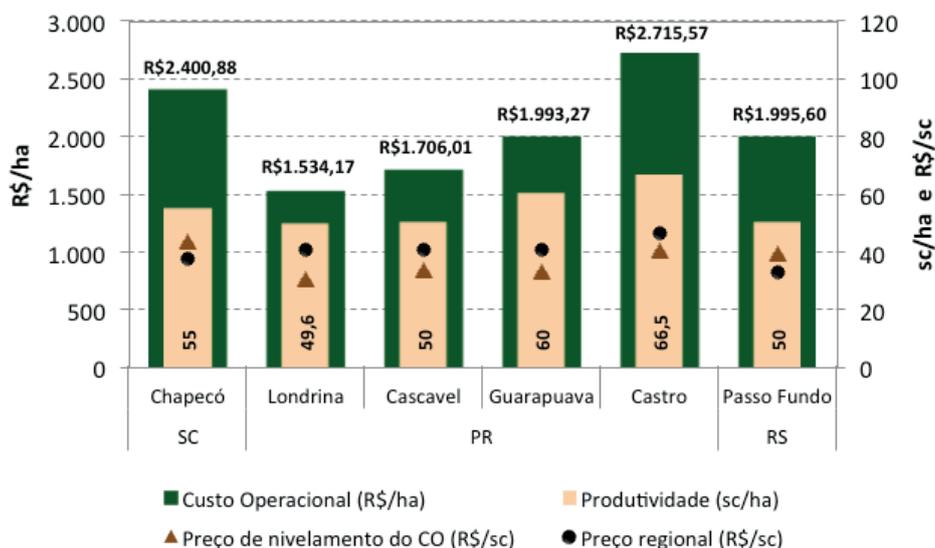
Ao contrário de outras praças, o preço médio de venda nos últimos meses foi de R\$ 37,46 a saca, o que representa 6,19 reais por saca a menos que o necessário para o produtor fechar a conta. Dentre os componentes que mais influenciaram no aumento do COE de 2015 para este ano, estão fungicidas (35%) e adjuvantes (34%).

Na região de Passo Fundo (RS), o COE está

previsto em R\$ 1.995,60/ha, valor 8% mais alto que o do ano anterior. Também nessa praça, o produtor pode ter prejuízo, de 6,83 reais por saca, uma vez que o preço mínimo para o pagamento integral do COE seria de R\$ 39,91 a saca e o valor médio negociado entre março e abril foi de R\$ 33,08 A saca.

Em Guarapuava (PR), o COE médio foi calculado em R\$ 1.993,27/ha e, com uma produtividade média de 60 sacas/ha, o preço de nivelamento seria de R\$ 33,22 a saca. Dado que o preço médio recente foi de R\$ 40,69 a saca, o produtor teria 7,47 reais por saca de sobra após o pagamento do custo operacional.

Figura 1 – Custo Operacional Efetivo, Produtividade, Preço de Nivelamento e Preço Regional para o trigo nas praças acompanhadas pelo Campo Futuro (CNA/Cepea) em SC, PR e RS



Fonte: Campo Futuro (CNA/Cepea).

Em meio a esse encarecimento da produção, levantamentos do Campo Futuro (CNA/Cepea) mostram que os produtores estão cautelosos para efetivar as compras de insumos. É evidente o atraso na nego-

ciação de insumos para a safra deste ano de trigo (Tabela 1). No final de abril do ano passado 100% dos insumos em Cascavel (PR) já haviam sido vendidos. Agora, as negociações não passam de 40%. Observa-se

também tendência de substituição do trigo pelo milho de inverno, principalmente nas regiões de Londrina e Cascavel (PR).

Tabela 1 - Ritmo de comercialização de insumos para as safras de 2015 e de 2016 (em %)

	mar/15	abr/15	mar/16	abr/16
Londrina	60%	82%	0%	12,5%
Cascavel	100%	100%	0%	30%
Passo Fundo	30%	40%	0%	20%
Chapecó	N/D	N/D	0%	40%

Fonte: Campo Futuro (CNA/Cepea)

Forte alta no preço do milho pode compensar menor produtividade na segunda safra

O cenário do milho da segunda safra 2015/2016 não é dos melhores nas regiões do Cerrado brasileiro. Com áreas plantadas em março fora da janela ideal e com o clima seco de abril, produtores da região esperam quebra nos índices de produtividade. O rendimento esperado agora está entre 50 sacas/ e 80 sacas por hectare. Os preços do grão, por outro lado, estão em forte alta no mercado interno, cenário que deve compensar a menor produtividade em muitas regiões.

A estiagem em abril foi um dos principais

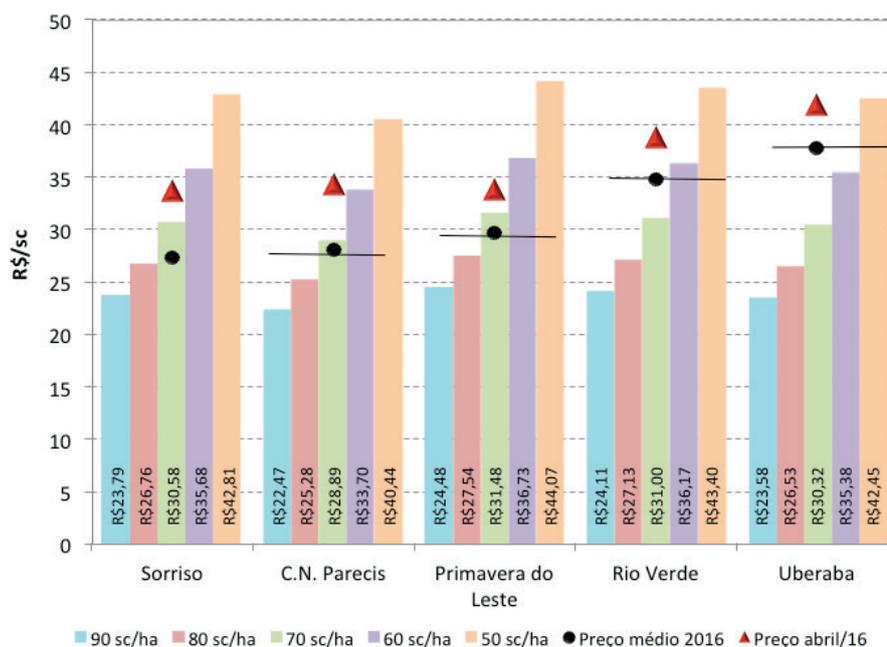
fatores para a quebra na produção do milho. Segundo levantamento do Cepea, em algumas praças os agricultores informaram que ficaram até 30 dias consecutivos sem chuvas. As situações mais críticas foram observadas no sudoeste goiano e no Triângulo Mineiro.

Na região de Rio Verde (GO), agentes de mercados relatam quebra próxima dos 40% sobre as 120 sacas/ha esperadas inicialmente. Em Uberaba (MG), além do clima seco, a queda na temperatura no final de abril prejudicou o desenvolvimento da

cultura. Agora, produtores esperaram colher apenas entre 60 e 70 sacas/ha. Nas regiões de Mato Grosso, a estiagem cobriu praticamente todo o estado e, mesmo com chuvas pontuais no final de abril, a expectativa está em torno de 70 a 80 sacas/ha.

Nesse cenário, as cotações do milho dispararam no mercado nacional, atingindo patamares recordes. Assim, calculou-se o preço necessário para pagar o desembolso diante dos diferentes cenários de quebras produtivas.

Figura 2 – Comparação do preço de nivelamento para cobrir o COE dos cenários de produtividade com os preços médios regionais para 2016 e para o mês de abril deste ano nas praças do Cerrado.



Fonte: Campo Futuro (CNA/Cepea)

Para o cálculo do Custo Operacional Efetivo (COE) do milho segunda safra 2015/2016, o Campo Futuro (CNA/Cepea) considerou a compra de insumos entre outubro do ano passado e fevereiro deste ano. As produtividades médias esperadas foram informadas por nossos colaboradores de cada região.

Rio Verde (GO) – O COE foi calculado em R\$ 2.170,04/ha e considerando-se a produtividade média de 70 sacas/ha (esperada pelos produtores), a saca de milho precisaria ser vendida, em média, a R\$ 31,00 para evitar prejuízo. Segundo os dados do Campo Futuro (CNA/Cepea), o preço médio em abril no spot chegou a R\$ 38,79/saca, 25% maior que o custo. A situação também é favorável quando considerado como base o preço médio de 2016, que foi

de R\$ 34,87 a saca na região, permitindo margem de 4,87 reais a saca ou 12% sobre o gasto operacional. Somente abaixo de 62,2 saca/ha que o produtor goiano começaria a ter prejuízo sobre os preços de 2016.

Uberaba (MG) – O milho teve média de R\$ 41,93 a saca em abril e de R\$ 37,79 a saca para 2016, valores suficientes para cobrir o COE, calculado em R\$ 30,32 por saca (R\$ 2.122,65/ha) pelo Campo Futuro (CNA/Cepea), tomando-se como base produtividade de 60 sacas por hectare. No entanto, caso o rendimento fique abaixo de 56,2 sacas por hectare, o produtor pode acabar se endividando.

Primavera do Leste (MT) – O desembolso foi de R\$ 2.203,50/ha e, caso o produtor

consiga atingir produtividade de 70 sacas por hectare, o preço do milho deve ficar acima de R\$ 31,48 a saca para não gerar margem negativa. O preço de abril foi de R\$ 38,79 por saca, o que cobre o desembolso. Se for considerada a média de 2016, o preço ficaria 5% menor que o valor de nivelamento do COE. A produtividade abaixo de 74 sacas por hectare também resultaria em margem negativa.

Campo Novo do Parecis (MT) – O COE calculado foi de R\$ 2.022,05/ha e, com produtividade de 70 sacas por hectare, o preço de nivelamento do milho seria de R\$ 28,89 por saca. Enquanto tomando-se como base o preço médio de 2016, de R\$ 28,12/sc, as margens ficariam comprometidas, os valores de abril cobrem o custo com folga. Na região, a produtividade de

72 sacas por hectare é o limite para que o produtor não tenha prejuízo diante dos preços médios do spot ocorridos em 2016.

Sorriso (MT) – Com o COE de R\$ 2.140,74/ha e produtividade esperada de 70 sacas

por hectare, o preço precisaria ficar acima de R\$ 30,58 a saca para não aumentar o endividamento do produtor nesta safra. Para o preço médio de abril, as margens ficam positivas, mas o valor médio de 2016, de R\$ 27,39 por saca, fica 10,4% abaixo do

custo calculado. Para manter a margem positiva na safra 2015/2016, o produtor precisaria manter a produtividade acima de 78 há sacas por hectare, em relação aos preços praticados no spot em 2016.

Dólar cai e menor preço de insumo estimula compras

A desvalorização do dólar nos últimos meses resultou em queda nos preços dos fertilizantes no mercado interno. Esse cenário, por sua vez, elevou o ritmo de aquisição de insumos, que estava enfraquecido desde o ano passado. De acordo com dados da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), em abril de 2016, as entregas de fertilizantes cresceram 13% frente ao verificado no mesmo mês do ano passado.

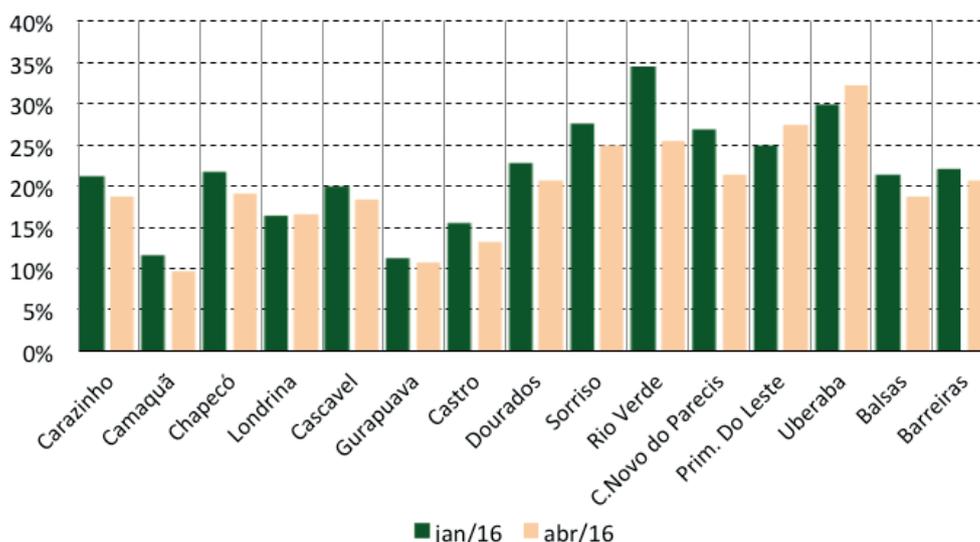
Esse cenário sinaliza uma retomada das entregas, após um período de poucas negociações ocorrido no final do ano passa-

do. Conforme os relatos de colaboradores do Cepea, o dólar elevado em 2015 impulsionou as cotações dos fertilizantes, especialmente a partir do primeiro trimestre daquele ano. Além disso, houve dificuldade no acesso ao crédito. Com isso, produtores diminuíram o apetite pela compra dos insumos para a safra seguinte. Essa estratégia de redução no uso de fertilizantes para “driblar” os elevados custos não se mantém em longo prazo, já que os nutrientes do solo precisam ser repostos.

Dessa forma, foi possível verificar, por meio do acompanhamento dos custos de

produção realizado pelo projeto Campo Futuro (CNA/Cepea), que a participação dos fertilizantes no Custo Operacional Efetivo (COE) da soja e do milho verão tem diminuído gradativamente nestes últimos meses, tanto nas praças acompanhadas na região Sul, quanto nas do Cerrado. Para a simulação realizada pelo Campo Futuro (CNA/Cepea), foram considerados os coeficientes da safra 2014/2015 e a série de custo de produção do Campo Futuro (CNA/Cepea) para o período compreendido entre janeiro e abril de 2016.

Figura 1 – Participação do gasto com fertilizantes no COE da soja em janeiro/2016 e abril/2016



Fonte: Campo Futuro (CNA/Cepea)

Apenas em Primavera do Leste (MT) e em Uberaba (MG) que os fertilizantes representaram parcela maior do COE em abril deste ano frente ao verificado em janeiro. Já as maiores quedas foram registradas para Rio Verde (GO), com diminuição de 8,9 pontos percentuais frente ao observado em janeiro. Em Campo Novo do Parecís (MT), a queda foi de 5,3 pontos percentuais na mesma comparação. Em média, os fertilizantes perderam 2,3 pontos percentuais de sua representatividade no COE nas praças do Cerrado e 1,7 ponto percentual nas do Sul.

Com relação à simulação do COE para o milho verão, os fertilizantes ficaram mais baratos. Em janeiro deste ano, nas praças acompanhadas no Sul, os gastos com fertilizantes representavam, em média, 33,5% do COE, reduzindo para 29,4% em abril. Já no Cerrado, o percentual foi de 37,7%, na média em janeiro deste ano, para 34,8% em abril. Neste movimento, os maiores destaques foram as praças de Chapecó (SC) e Carazinho (RS), cuja representatividade dos gastos com fertilizantes no COE caíram 9,8 pontos percentuais e 4,1 pontos percentuais, respectivamente, de ja-

neiro para abril.

Outros fatores que podem influenciar nas compras de insumos são os preços dos grãos nos próximos meses. Na primeira quinzena de maio, o milho registrou forte valorização, atingindo patamares recordes, em meio a um cenário interno de demanda aquecida, baixos estoques e quebras de produtividade no Centro-Oeste. O preço da soja também está em alta, influenciado pela firme demanda pelo grão e por farelo, enquanto dados sobre a produção brasileira na safra 2015/2016 são reavaliados para baixo. 🌱